

ETNOGRAFIA E NETNOGRAFIA: ADAPTAÇÕES METODOLÓGICAS

NIKOLAS YOSHITAKA KONISHI¹;
PROF. DR. MARCUS VINICIUS SPOLLE³

¹Instituto de Filosofia, Sociologia e Política – nikonishi@gmail.com

³Instituto de Filosofia, Sociologia e Política – sociomarcus@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Os desdobramentos causados pela pandemia do novo coronavírus, COVID-19, tornaram emergentes a necessidade de mudanças no planejamento das pesquisas baseadas em métodos etnográficos. Devem ser tomadas medidas preventivas de isolamento social, não existe previsão da conclusão de vacinas, fica evidente a necessidade de recondicionar os rumos das investigações e também perceber os novos saberes deste evento global. Por estes motivos, este trabalho tenta responder questões que surgiram na pesquisa, como sobre o que é a netnografia? ou como adaptar uma então metodologia etnográfica?

O método biográfico que eu estava utilizando para a minha pesquisa da pós-graduação se tornou inviável, utilizava histórias de vida como técnica para a coleta de dados, na busca de contribuir com conteúdo de memórias coletivas, presentes nas novas gerações de descendentes japoneses na mesorregião do sudeste riograndense. Então, adotava-se como base epistemológica destas técnicas a revisão e discussões propostas por Jacques Léon Marre (1991), sistematizando ideias, história de vida, relatos orais, autobiografias escritas, longas entrevistas abertas, outros documentos orais ou testemunhos escritos. Este método biográfico, em via de adaptação, permitiria reconstruir em cada narrativa a presença de relações básicas complexas, que dizem respeito às categorias sociedade, gerações e indivíduos, expressas no relato oral.

A principal dúvida deste trabalho, a partir da emergência pandêmica, é se a pesquisa já realizada poderia ser adaptada ou se seria necessário recomeçar. Assim como, se caso adaptável, quais as necessidades e cuidados para esta realização?

2. METODOLOGIA

O trabalho é realizado a partir de sugestões de leituras, provocações e discussões acadêmicas com os colegas do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), principalmente através das atividades promovidas pelo Núcleo Interseccionalidades de Pesquisa em gênero, raça e sexualidade e pela disciplina “Tópicos Especiais II”, ofertada pelo PPGS, realizadas desde o início do isolamento social necessários devido a emergência do novo coronavírus, a pandemia do COVID-19. A partir destas discussões, foi apresentado uma possível solução para a continuidade dos trabalhos interrompidos, uma adaptação para a metodologia netnografia:

O neologismo "netnografia" (nethnography net + ethnography) foi originalmente cunhado por um grupo de pesquisadores/as norte-americanos/as, Bishop, Star, Neumann, Ignacio, Sandusky & Schatz, em 1995, para descrever um desafio metodológico: preservar os detalhes ricos da observação em campo etnográfico usando o meio eletrônico para "seguir os atores." O estudo em questão testava novos equipamentos para o desenvolvimento de uma biblioteca digital da



Universidade de Illinois, parte de um projeto de maior escala para o desenvolvimento de tecnologias de base para uma infraestrutura de informação global. O objetivo era ainda entender o uso (tanto factual quanto virtual) a partir de um número de pontos de vista, e em uma larga escala crescente. (BRAGA, 2006, p. 4).

Por tanto, a fundamentação metodológica está na contraposição adaptativa etnográfica para netnográfica, principalmente, embasada na análise das propostas dos guias: "Pesquisa Como Artesanato Intelectual: considerações sobre método e bom senso", Linda M. P. Gondim e Jacob Carlos Lima, e "Métodos de pesquisa para internet", de Suely Fragoso, Raquel Recuero e Adriana Amaral. Tal escolha visa a finalidade de entender a relevância das narrativas nas estruturas das ciências sociais e principalmente no campo da sociologia, sem que se percam os rigores metodológicos da área, assim como com a responsabilidade na produção de conhecimento sociológico.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O desenvolvimento de técnicas de coleta de dados tem importante papel para a sociologia, pois eram discutidas novas formas de investigações, mais realistas, também a utilização de documentos biográficos como material sociológico. Buscava-se novas técnicas que procedessem cientificamente os dados provenientes das várias narrativa, na tentativa de reconstruir a trajetória de uma sociedade ou de grupos sociais, na tentativa de tornando possível ler e interpretar o itinerário de um grupo social ou de uma sociedade investigada. O resultado de tal investigação talvez esteja nos estudos da subjetividade pela qual se reconstrói de modo seletivo a experiência humana. Percebendo enquanto o indivíduo relata as suas experiências, que este não relata todos os fatos ou todos os eventos cronológicos, muito pelo contrário, são feitas escolhas, são feitas seleções.

O desenvolvimento dessas técnicas mostrou ser necessário interpretar cada história individual sob um ângulo da descontinuidade, articulando entre as histórias individuais e a história mais geral e contextual. Tais atividades foram catalisadas pelo desenvolvimento dos meios de comunicação, como a técnica do gravador. Com o advento de novas tecnologias e novas formas de conexão de dados, materialmente tornou-se mais viável uma epistemologia que embasasse as articulações entre as várias histórias e a sociedade histórica, inclusive sobre seus movimentos de estruturação e desestruturação descontinuas. Algumas recomendações são possíveis de se preestabelecer, como iniciar a construção do objeto científico desde o momento da investigação de campo e coleta de dados. A proposta adaptativa aqui, não é defender uma nova etnografia, mas entender como é possível a utilização do apoio de comunidades on-line:

A etnografia virtual não é um avanço de um novo método para substituir um antigo, e sim, é apresentada como uma forma de trazer em foco tanto os pressupostos nos quais a etnografia é baseada, e as características que são consideradas especiais no que diz respeito as tecnologias envolvidas. (HINE, 2000, p. 1).

Técnicas metodológicas biográficas, assim como as de histórias de vida, possuem uma relação fundamental com uma epistemologia que valoriza a história oral e popular. Usa-se como técnica de investigação social, para reconstruir a trajetória sociológica e histórico-estrutural de um determinado grupo social ou geracional. Para a elaboração da metodologia biográfica baseada em histórias de vida, é importante ainda levar em consideração as contribuições de Ferraroti (1983), que propõe uma mudança na unidade de pesquisa, no conjunto de



sujeitos na trama de relações, experiências e juízos que dizem respeito a um determinado momento das histórias e a um determinado grupo ou sociedade. As novas tecnologias potencializam as vantagens e sensibilidades dos métodos de gravação, o rigor no lidar com os saberes e construir conhecimento seguem.

4. CONCLUSÕES

Na tentativa de responder as questões, sobre a possibilidade de adaptação de pesquisas para a metodologia netnográfica, propõe-se critérios capazes de guiar a seleção do grupo social a ser pesquisado, como quanto: a efervescência e a descontinuidade, visto que não bastaria um número de indivíduos, mas seria preciso que este número expressasse de maneira diversa e inter-relacionada a trajetória socioeconômica do grupo social pesquisado enquanto grupo diferente de um outro ou escolhido como exemplar, ou quanto a critérios qualitativos: da diversificação e da saturação da amostra.

Faz-se necessária a capacidade técnica de reconstituir, com respeito ao direito à palavra, uma micro-relação estabelecida entre pesquisador e pesquisado com igualdade substancial. Partindo do pressuposto que ninguém deveria desejar subordinar o outro a seu próprio discurso, evidencia-se aqui a relevância da empatia. Nesta adaptação de método netnográfico de colocar histórias de vida, o básico não é a neutralidade, mas a cooperação empática, a igualdade substancial frente à verdade e o risco corrido pelo pesquisador. No tocante às plataformas digitais, é importante saber distinguir o que é narrativa e o que é modulação de informações:

O problema das plataformas privadas que se colocam como espaços públicos é que suas regras são decididas monocraticamente pelos seus donos. Governos e corporações economicamente poderosos podem agir na tentativa de modular a opinião e o comportamento político das pessoas. Podem gastar grandes somas de dinheiro na compra de resultados de busca específicos para consultas que contenham determinadas palavras ou frases, ou se refiram a certos temas. Isso restringirá as opções de realidade. Ordenará os links críticos ou adversos a quem pagou em resultados bem distantes da primeira página. Também poderá apresentar, conforme as características, personalidade, desejos de cada integrante das redes sociais online, um conjunto de conteúdos que deixa pouco espaço para versões diferentes dos fatos. A modulação da opinião pública nas redes digitais é realizada principalmente pelo controle da visualização de conteúdo. As plataformas de relacionamento social online, em geral, não produzem conteúdos, mas direcionam, organizam e disseminam as produções de seus usuários, ou seja, utilizam técnicas de modulação. A modulação não seria possível sem um sistema que sempre mantém algumas aberturas e impõe certos limites. A modulação, em geral, é invisível para os vivos, por isso trata-se de um tipo de manipulação da opinião bem mais perigosa. (SILVEIRA, 2019, p. 58).

Logo, esse processo se estrutura com a coleta dos dados tratados nos algoritmos, os softwares que estão sendo rodados em máquinas de alta capacidade de processamento. A articulação destas máquinas cibernéticas, através de plataformas digitais, por exemplo, permite acompanhar cada corpo na amplitude do território, alimentando mecanismos inesgotáveis de previsão de comportamento e personalização completa da vida. Para o marketing - econômico ou político - a captura de dados se torna a captura das subjetividades, "Big Data". Portanto, a investigação a ser feita deve dar uma conotação mais intensa à relação que une a história individual à categoria geracional, deve-se realizar a



avaliação de múltiplas histórias cruzando-as, conforme as possibilidades do investigador e a própria natureza da trajetória da nova geração a ser reconstruída.

A interação social online, particularmente nas primeiras pesquisas na internet, era uma coisa fora do “espaço da carne” e a rede era vista como um reino angélico para o discurso e para a sociedade mediada. Nos anos seguintes, algumas das melhores pesquisas sobre a internet e a sociedade reconheceram que as interações online raramente são exclusivas do mundo online. (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p.12).

Basicamente o sociólogo deve estar interessado em reconstruir a densidade interativa e estrutural do movimento histórico vivido pela geração investigada, seus ritmos diferenciados, superficiais ou profundos, seus conflitos, e mudanças tanto de valores quanto de enunciados, gerando práticas novas e estratégias diversas. A questão central do cientista é como ordenar a totalidade do material linguístico coletado, não somente em cada metodologia e plataforma digital, mas na sua relação com a totalidade das outras gerações. Sempre tendo-se em mente a totalidade do discurso recolhido através das entrevistas.

Em suma, a netnografia também abre perspectivas imensas e profundas de compreensão para a análise daquilo que, recentemente, era considerado como “subjetivo” e que pode ter um fundo extremamente objetivo, existindo técnicas operacionais que possibilitem alcançar esses níveis de análise.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

FERRAROTTI, F. Histoire et histories de vie: la méthode biographique dans les sciences sociales. Paris: Méridiens, 1983. Tradução de Marianne Modak.

FRAGOSO, Suely; **RECUERO**, Raquel; **AMARAL**, Adriana. Métodos de pesquisa para internet. Porto Alegre: Sulina, 2011. 239 p. (Coleção Cibercultura).

GONDIM, Linda M.P.; **LIMA**, Jacob Carlos. A pesquisa como artesanato intelectual: considerações sobre método e bom senso. São Carlos, SP: Editora UFSCar, 2006.

MARRE, Jacques L. História de vida e método biográfico. Cadernos de Sociologia, v. 3, n. 3, p.89-141, 1991.

SILVEIRA, S. Democracia e os códigos invisíveis. Como os algoritmos estão modulando comportamentos e escolhas políticas. São Paulo: Sesc Publicações, 2019.

Artigo

BRAGA, Adriana. Técnica etnográfica aplicada à comunicação online: uma discussão metodológica. UNIrevista, v. 1, n. 3, p. 1-11, jul. 2006.

HINE, C. Virtual Ethnography. London: SAGE Publications Ltd; 2000. DOI: <https://dx.doi.org/10.4135/9780857020277>